



IDENTIDADE, CULTURA E LINGUAGEM NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: ANÁLISE DO FILME “WALACHAI”

Ângela Kroetz dos Santos (CURR)
Valéria Brisolara (CURR)
Vera Lúcia Pires (UFSM)

RESUMO: Neste artigo analisa-se o filme “WALACHAI”, obra que contextualiza uma comunidade de imigrantes alemães do sul do Brasil. Abordam-se aspectos teóricos da sociolinguística e dos estudos culturais para compreender o fenômeno da concepção identitária do povo à luz de fatores como hibridismo cultural e heterogeneidade linguística. Estuda-se a história da imigração alemã como efeito da globalização e como elemento que contribuiu para a constituição do povo brasileiro. Verifica-se que a comunidade vive em um contexto de entre-línguas, realidade por vezes desprestigiada pela própria população.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, hibridismo cultural, heterogeneidade linguística

IDENTITY, CULTURE AND LANGUAGE IN THE CONTEXT OF GERMAN IMMIGRATION: AN ANALYSIS OF THE FILM “WALACHAI”

ABSTRACT: This paper analyzes the movie “WALACHAI”, which contextualizes a community of German immigrants in Southern Brazil. It focuses on the theoretical aspects of sociolinguistics and cultural studies to understand the population’s identity conception through elements such as cultural hybridity and linguistic heterogeneity. It also studies the history of German immigration as a result of globalization and as an element that constitutes Brazilian people. It is possible to verify that the community lives in a “between languages” context, a reality sometimes discredited by the population.

KEYWORDS: identity, cultural hybridism, linguistic heterogeneity

Introdução

O hibridismo cultural e a heterogeneidade linguística são fenômenos que devem ser compreendidos como marcas da contemporaneidade. Desde o início da era moderna até hoje, tem sido grande o fluxo intercontinental de pessoas e de informações, sendo praticamente impossível que haja um povo culturalmente puro, isto é, que não tenha sofrido influência de outros povos. Essa realidade trouxe marcas definitivas para a constituição das diversas culturas, dentre elas, a brasileira. No contexto deste trabalho, busca-se analisar uma comunidade alemã do sul do Brasil, verificando como o hibridismo cultural e a heterogeneidade linguística influenciam a concepção identitária dos descendentes de imigrantes que habitam tal colônia. Utiliza-se como corpus de pesquisa um documentário produzido sobre a localidade, o que significa que as análises aqui efetuadas limitam-se às impressões obtidas pela representação fílmica do universo estudado.

Os povoados alemães, fundados a partir do início do século XIX em várias regiões do país, são marcados por traços que mesclam características culturais brasileiras e alemãs, a ponto de serem visualizados pelos outros e de se autocompreenderem como grupos à parte. As manifestações culturais e linguísticas evidenciadas em muitas dessas comunidades distinguem-se a ponto de causar estranhamento a um visitante não acostumado, que pode imaginar-se viajando no tempo ao entrar em contato com elas.

A imigração dos povos europeus ao chamado novo continente trouxe ao Brasil grande número de pessoas que sofriam com os efeitos nefastos da industrialização, como a falta de emprego, de terras e de condições dignas para viver. A imigração é, nesse contexto, entendida como uma forma de globalização, e o Brasil, que tinha interesse em colonizar suas vastas e pouco habitadas terras, tornou-se um lar para diversos povos que aqui aportaram em busca de uma vida melhor e de condições de sobrevivência. Assim se formaram, dentre tantas outras, as colônias alemãs da região sul, a partir de 1824. Diante dessa realidade, é pertinente questionar qual a identidade desses



povos que aqui chegaram. É provável que as primeiras gerações, nascidas na Alemanha, tenham sofrido com as diferenças culturais e geográficas e com a distância da pátria de suas origens. Todavia, os seus descendentes, já nascidos no Brasil, mas ainda fortemente vinculados à cultura alemã e bastante isolados da cultura anfitriã, a brasileira, como se sentem em relação à sua identidade nacional? Como é o contato com a língua local? Quais os traços comuns que esses imigrantes alcançaram com a cultura brasileira? É evidente que questões tão complexas não podem ser esgotadas no âmbito deste trabalho, entretanto julga-se que esses questionamentos podem suscitar importantes reflexões ou até mesmo oferecer a possibilidade de elucidar aspectos relevantes no que concerne ao *corpus* estudado.

Assim, pretende-se abordar alguns tópicos que inter-relacionam identidade, nacionalismo, globalização e imigração, para chegar ao entendimento do que se configura como hibridismo cultural. Após, procura-se conceituar comunidades de fala estabelecendo um diálogo com a sociolinguística no sentido de se observar as interações culturais possibilitadas pela linguagem. Também serão contextualizados breves elementos sobre a história da colonização alemã e sobre a constituição do povoado de Walachai, a fim de criar um panorama que facilite a compreensão das características da comunidade de fala em questão. Nessa perspectiva, também é pertinente identificar, dentro dos limites do *corpus* estudado, o que é, afinal, o produto heterogêneo da fala dos descendentes de imigrantes alemães, e de que forma a comunidade de fala em questão se autocompreende em relação à língua que utiliza.

Como fio condutor da pesquisa, utiliza-se o filme “Walachai”, produção nacional de 2009, roteirizada e dirigida por Rejane Zilles, descendente de imigrantes alemães, que nasceu e viveu até os nove anos de idade na localidade de Walachai, distante cerca de 70 quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A diretora voltou ao local de sua infância com o objetivo de recolher impressões próprias sobre a cultura que experimentou quando criança, além de percepções das pessoas que ainda lá

vivem, a respeito da vida, do tempo, da língua, da cultura e da identidade. Muitos dos depoimentos destacados pelos habitantes locais e registrados no filme serão aqui analisados, a fim de abeirar possíveis traços identitários que fazem parte da trama cultural brasileira há quase dois séculos e que muitos brasileiros ainda desconhecem.

1. Fundamentos teóricos

Se queres ser universal, fala da tua aldeia. (Tolstoi)

Para fundamentar teoricamente esta pesquisa, busca-se o auxílio dos teóricos S. Hall (2005) e B. Kumaravadivelu (2006), a fim de estudar aspectos de identidade, nacionalismo, globalização e imigração, para chegar ao entendimento do que se configura como hibridismo cultural. Após, com base em sociolinguistas como J. Calvet (2002) e B. Rampton (2006), aborda-se a noção de comunidade de fala, observando as interações culturais possibilitadas pela linguagem e levando em consideração a heterogeneidade linguística. Por fim, apresenta-se o processo de imigração das populações alemãs, bem como a localidade de Walachai, que acolheu uma pequena parte do grupo de imigrantes procedentes da Alemanha e que foi retratada em filme no ano de 2009. Assim, contextualizam-se aspectos culturais e históricos que constituíram o distrito, a fim de melhor entender a cultura, a linguagem e a identidade da população que ali reside.

1.1 Identidade, nacionalismo, globalização e imigração: o hibridismo cultural

No âmbito cultural, na pós-modernidade, percebe-se que está havendo um deslocamento das identidades tidas como padrão. Tais transformações são profundas e originam concepções distintas das tradicionais, rompendo com as estruturas estáveis das velhas identidades.



Hall (2005) trabalha com o conceito de identidades múltiplas da modernidade para se referir ao quadro contemporâneo da cultura. O velho sujeito cartesiano, centrado e estável, perdeu lugar a partir de vários eventos descentralizantes: a teoria do inconsciente de Freud, a teoria da evolução de Darwin, a linguística estrutural de Saussure, a teoria das relações de poder de Foucault, além de movimentos político-sociais como o feminismo. Todas essas transformações desestruturaram a sociedade, fazendo surgir dúvidas de toda a ordem, deslocando e fragmentando o sujeito, que passa a assumir “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. (HALL, 2005, p. 13). Também as identidades nacionais, antes unificadas, homogêneas, centradas e coesas “estão agora deslocadas pelos processos de globalização”. (HALL, 2005, p. 50).

Em relação a esse sujeito fragmentado, que vive em um mundo marcado por profundas mudanças culturais, uma das questões que Hall propõe está na perspectiva de averiguar como ele se posiciona em termos de identidade cultural, considerando, neste ínterim, a identidade nacional. É condição amplamente aceita o fato de que a nacionalidade é elemento constituidor primário da identidade cultural de um indivíduo. Em razão disso, nasce-se brasileiro, americano, português, etc. Tal identidade nacional é importante porque, segundo Scruton (1986, *apud* HALL, 2005, p. 48),

A condição do homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação [...] que ele reconhece como seu lar.

Segundo Gellner (1983, *apud* HALL, 2005, p. 48), “Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal”. Esse enunciado é uma menção à realidade de que, na modernidade, parece essencial que o homem tenha uma nacionalidade. Nessa perspectiva, Hall (2005, p. 48) argumenta que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da

representação”. Isso significa que, por trás da nacionalidade, há uma ideia de nação, uma construção simbólica que define que tais atributos constituem, por exemplo, a brasilidade. Ao conceito de nação está intrínseco o poder de gerar “um sentimento de identidade e lealdade”. (HALL, 2005, p. 49). O autor ainda explicita que uma nação procura elementos em torno dos quais se organiza para criar uma identidade própria: língua única vernacular, cultura homogênea e manutenção de instituições culturais como o sistema educacional nacional.

Ao abordar a identidade nacional como uma comunidade imaginada, Hall identifica cinco elementos principais que possibilitam essa articulação: a) a existência da narrativa da nação, ou seja, de uma história que passa de geração em geração, conectando cada indivíduo ao destino nacional; b) a ênfase nas origens, na tradição e no caráter imutável da essencialidade nacional; c) a invenção da tradição, ou seja, a construção de um conjunto de valores e normas pela repetição de comportamentos tidos como adequados para representar uma cultura; d) o mito fundacional, que procura localizar a origem da nação; e e) a ideia de um povo puro, original. A partir desses princípios, é possível visualizar que a existência de uma cultura nacional não é um conceito atual, mas que perpassa a história dos povos, a ponto de haver uma inter-relação entre as glórias de um passado épico e de um futuro promissor que se deseja para a pátria/nação. (HALL, 2005).

Há, conforme Gellner (1983 *apud* HALL, 2005, p. 59), um impulso de unificação das culturas nacionais, ou seja, uma tendência que procura colocar sob o prisma da identidade cultural membros de diferentes classes, raças ou gênero, “[...] para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. Todavia, nesse ponto, torna-se relevante pensar se as culturas nacionais e as identidades nacionais que elas constroem são realmente passíveis de unificação. Sob esse aspecto, Hall (2005, p. 59) argumenta que “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela também é uma estrutura de poder cultural”.



Para explicar a cultura nacional a partir do poder, Hall (2005) esclarece que a maioria das nações constituiu-se por várias culturas que sofreram um processo de unificação através de conquista violenta, ou seja, através da imposição da cultura de um povo sobre outros povos. Da mesma forma, converge para a questão do poder o fato de que as nações ocidentais modernas exerceram hegemonia cultural sobre os povos por elas colonizados. Assim, as culturas nacionais “são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural”. (HALL, 2005, p. 62).

Do exposto advém que “As nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2005, p. 62), pode-se dizer, desde a sua constituição. A esse fato se agrega que também as identidades nacionais, que outrora foram centradas, coerentes e inteiras (como o sujeito cartesiano), estão sofrendo um processo de deslocamento, originado, sobretudo pela globalização.

A globalização, nessa perspectiva, surge como um processo de atravessamento de fronteiras através do qual as distâncias espaciais e temporais diminuem e a integração entre os diversos povos torna-se efetiva. Essa interação pode se dar em vários níveis: cultural, econômico, social, etc. Hall (2005) identifica que a globalização comprime o espaço-tempo e acelera os processos globais, “de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a grande distância”. (HALL, 2005, p. 69). Assim, como resultado das várias nuances da globalização, é importante destacar que, na cultura atual, é praticamente impossível falar em “lugares fechados”, “eticamente puros” e “culturalmente tradicionais”, já que as sociedades da periferia também estão “abertas às influências culturais ocidentais”. (HALL, 2005, p. 79). Ainda de acordo com o autor, “a periferia também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual”. (HALL, 2005, p. 80).

Os processos migratórios em várias fases da história da humanidade influenciaram e ainda vem contribuindo para o hibridismo cultural ao redor

do globo. Historicamente, de acordo com Robertson (2003, *apud* KUMARAVADIVELU, 2006), houve três ondas de globalização. A primeira relaciona-se às grandes navegações, lideradas por Portugal e Espanha, a segunda reporta-se à industrialização, liderada pela Inglaterra, e a terceira correlaciona-se ao mundo pós-segunda guerra mundial, sob a liderança dos Estados Unidos.

Como consequência da segunda fase acima exposta, originou-se uma onda migratória que trouxe ao novo continente grande massa de europeus que sofriam com os efeitos da industrialização, a saber, falta de qualificação especializada para atuar nas novas indústrias, quebra da indústria artesanal doméstica, falta de terras para os camponeses oriundos da decadente estrutura feudal¹. Dessa forma, a migração é entendida como uma forma de globalização e o Brasil tornou-se, no século XIX, um lar para diversos povos que aqui aportaram em busca de uma vida melhor ou de condições de sobrevivência. Assim se formaram, a partir do século XIX, inúmeras colônias europeias, que se instalaram em várias regiões do Brasil.

Tal processo migratório contribuiu para a diversidade da cultura brasileira, estimulando o que se conhece por hibridismo cultural. Hall (2005) destaca que a globalização contesta e desloca identidades centradas e fechadas, pluralizando-as, mas, paralelamente, há um movimento contraditório entre a “tradição” e a “tradução”:

[...] algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradição’, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou puras; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins chama de ‘Tradução’. (HALL, 2005, p. 87).

¹ Conforme “Imigração Alemã no Brasil”. 2014. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil. Acesso em: 01 de julho de 2014.



Em relação às diversas colônias europeias fundadas no Brasil, é comum haver uma tensão originada na luta que se estabelece entre a tradição e a tradução no que diz respeito aos costumes, à língua e ao modo de vida. Segundo Hall (2005), o conceito de tradução

[...] descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens, e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas nunca são e serão unificadas no sentido velho, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas”. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ [...] Estão irrevogavelmente traduzidas. [...]. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2005, p. 88-89).

A partir do disposto acima, e como será verificado posteriormente, percebe-se que os alemães que migraram para o Brasil e, ainda hoje, alguns de seus descendentes viv(iam)em, em solo brasileiro, a dicotomia entre a *tradição* e a *tradução*, sendo que, em conformidade com o exposto por Hall, oscila(va)m entre o desejo de conservar ou recuperar as origens perdidas e a vontade de negociar com a nova cultura, admitindo que não eram (são) um povo unificado, mas um produto irrevogável de várias culturas interconectadas.

A partir dessa breve resenha sobre a hibridização cultural, busca-se entender, no próximo tópico, um pouco mais sobre comunidades de fala, a fim de serem observadas as interações culturais possibilitadas pela linguagem em um contexto de heterogeneidade linguística, já que a língua se configura como um importante aspecto identitário de um povo. Também será contextualizada

a comunidade de fala exibida no filme *Walachai*, por meio da apresentação de aspectos históricos da imigração e da língua materna trazida pelos imigrantes ao novo continente.

1.2 Comunidade de fala e cultura dos imigrantes alemães: “um Brasil que os próprios brasileiros desconhecem”

Na literatura sociolinguística é recorrente a preocupação com o estudo das comunidades de falantes e das interações que se processam entre elas. Calvet (2002), ao estabelecer a dicotomia entre comunidade linguística e comunidade social, procura encontrar a melhor definição desses conceitos. Para tanto, questiona quais são as características de uma comunidade linguística: é constituída de pessoas que falam a mesma primeira língua? Constitui-se de pessoas que se compreendem graças a uma mesma língua? Constitui-se de pessoas que pensam ou querem pertencer à determinada comunidade? De acordo com o autor, há que se sair da língua e tomar como ponto de partida a realidade social para encontrar uma resposta, pois é possível que um indivíduo participe de várias comunidades, como a de falantes de uma língua veicular, a de falantes de uma língua étnica, a de pessoas de determinado país cuja língua oficial é a alemã, por exemplo. Assim, de acordo com Calvet (2002, p. 121), “o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico”.

Conforme Rampton (2006, p. 115), o conceito de comunidade de fala foi, durante muito tempo, aplicado a um “grupo de pessoas com interações regulares, que tinha atitudes e/ou regras programáticas em comum e que seria a unidade maior”. Tal conceito, antes homogêneo, é voltado, hoje, à interação entre falantes de vários contextos e relações sociais, havendo uma rejeição da ideia de falantes “agrupados com base em módulos independentes”, ou seja, por nacionalidade, idade, gênero, etc. Nessa perspectiva, Vanin (2009) ainda argumenta que a noção de comunidade de fala é ampla para os objetivos da



Sociolinguística, de modo que há autores que a restringem em dois níveis: rede social e comunidade de prática.

Independente do nome que se dá a um grupo de falantes é importante perceber que o conceito moderno que o envolve assimila as noções de hibridismo cultural e de heterogeneidade linguística, porque permite que haja interação entre diversas culturas ao considerar que um indivíduo pode transitar livremente entre várias comunidades e que, portanto, esse mesmo sujeito pode identificar-se com diversos grupos. Ademais, em um mundo de constantes transformações e encurtamento de distâncias, cada vez mais há contato entre os povos e, conseqüentemente, entre as culturas e as línguas.

O objetivo aqui não é estender a complexa discussão que envolve o conceito de comunidade de fala, mas apenas suscitar algumas reflexões a propósito da comunidade Walachai como um grupo heterogêneo e híbrido, a partir de um recorte da realidade inscrito no documentário aqui estudado. Assim, a seguir será apresentado o lugarejo retratado no documentário, uma produção cinematográfica de 2009 que explora traços culturais e identitários da população do povoado homônimo.

A palavra Walachai significa, em alemão antigo, lugar longínquo, distante de tudo. O distrito é formado por várias localidades literalmente perdidas entre os morros de um acidentado terreno, e pertence ao município de Morro Reuter, que conta com uma população total de 5.676 habitantes (IBGE, 2014). O povoado de Walachai foi fundado em 1829 pelo imigrante Mathias Mombach, e pouco mais tarde a região foi habitada por famílias alemãs do Hunsrück². (PORTAL BRASIL-ALEMANHA, 2014). Embora o

² O Hunsrück é uma região da Alemanha. Caracteriza-se como uma serra de montanhas baixas, localizada no estado da Renânia-Palatinado, no sudoeste da Alemanha. É cercada pelos vales do rio Moselle, ao norte, do rio Nahe, ao sul e do rio Reno, ao leste. Na Alemanha de hoje, a maioria dos falantes do Hunsrück é bilíngue: pratica o dialeto ancestral nos lares e ao ar livre, mas lê e estuda em Hochdeutsch, língua oficial da Alemanha. Na época das emigrações, entretanto, poucos eram os agricultores letrados em Hochdeutsch. Levaram para o Sul brasileiro, com raras e notáveis exceções (caso de professores e profissionais mais graduados), apenas seus falares locais. (HUNSRÜCK, 2014).

distrito tenha sido colonizado por agricultores pobres³, diferentemente do que ocorreu em algumas outras regiões do Brasil que foram povoadas por alemães intelectuais ou que possuíam uma profissão, essa localidade também se manteve fiel às origens germânicas, constituindo-se como uma cultura à parte dentro do contexto brasileiro. Uma das razões para isso foi, sem dúvida, a distância geográfica de qualquer outra cultura e, conseqüentemente, a solidão a que foram expostas essas pessoas, que viviam isoladas em um lugarejo de difícil acesso e com quase nenhuma assistência do governo local. Os cerca de 40 quilômetros que separavam a localidade da colônia maior, São Leopoldo⁴, não eram facilmente percorridos, já que a região era coberta por densa mata e uma das únicas alternativas de transporte eram os animais.

Assim, com a difícil tarefa de sobreviver como agricultores num mundo distante da sua pátria e passando por inúmeras privações, esses imigrantes iniciaram a sua vida no ‘novo mundo’ fortemente arraigados na cultura mãe, a germânica. Conforme Eckert-Hoff (2010, p. 87), nesses povoados, “a língua alemã foi o idioma oficial por muitos anos”. Além disso, pairava sobre os sujeitos o espírito alemão, traduzido pela ideia de *Heimatland*⁵, um forte sentimento de nacionalismo em relação à Pátria distante, que revela exemplarmente a ideia de comunidade imaginada exposta por Hall no subcapítulo anterior. Tal construção simbólica serve-se da narrativa da nação, da ênfase nas origens e da noção de um povo puro para se edificar. Outrossim, o *Heimatland* acaba por revelar uma condição de vulnerabilidade identitária, já que esses imigrantes ansiavam por ter uma nação com a qual se identificar e à qual serem leais, como também explicitado por Hall. Nas palavras de Eckert-

³ É importante destacar que aos alemães intelectuais e com formação profissional foram distribuídas terras melhores e mais bem localizadas. Essas pessoas, sendo mais politizadas, reivindicavam seus direitos, ou seja, exigiam o que o governo brasileiro lhes havia prometido. Muitos deles chegaram a mudar de local de moradia por não se adaptarem à região primeiramente indicada, migrando dentro do próprio Brasil, situação explicitada por Eckert-Hoff (2010). Já as populações mais pobres, muitas vezes, resignavam-se e aceitavam o que lhes era oferecido, dificilmente saindo dos locais que lhes eram destinados, a saber, os mais isolados e de difícil acesso.

⁴ A colônia de São Leopoldo foi o berço da colonização alemã da Região Sul do Brasil e foi fundada em 1824, comemorando, portanto, em 25 de julho de 2014, 190 anos.

⁵ Terra natal, Pátria.



Hoff (2010, p. 88), estabelecia-se um “conflito subjetivo da busca de uma identidade nacional”, de um sentimento de pertencimento que tais pessoas não encontravam na terra que os acolhia.

Tal sentimento era intensificado pelo descaso das autoridades brasileiras. No caso dos imigrantes pobres, eram ainda mais acirradas as dificuldades encontradas, sendo que a percepção que tinham é a de que estavam entregues à própria sorte. Quando nas décadas de 1930 e 1940 inicia-se uma espécie de perseguição mundial aos alemães em decorrência da política nazista de Hitler, o governo brasileiro proíbe o uso da língua alemã, fechando escolas, impedindo o uso da língua nas igrejas e interditando os jornais redigidos em língua alemã. (ECKERT-HOFF, 2010). Outra motivação de tal medida foi a política nacionalista de Getúlio Vargas, que buscava propagar, no Brasil, uma identidade cultural unificada, construída, especialmente, a partir da obrigatoriedade de uso da língua nacional, a portuguesa.

Conforme Labes (2007 *apud* ECKERT-HOFF, 2010, p. 88-89), o período conhecido como Estado Novo foi “de silenciamento linguístico e de castração de uma cultura, pois silenciou não somente um povo, como emudeceu uma cultura, tudo fortemente vigiado para instituir o sentimento de Nação, de brasilidade”. Assim, esses imigrantes “tiveram que se tornar brasileiros” (ECKERT-HOFF, 2010, p. 89) por decreto, ou seja, foram arbitrariamente forçados a se inserir em uma cultura. Todavia, um decreto governamental pode até calar a voz dos que não sabem se expressar na nova língua oficial, mas não muda o sentimento das pessoas em relação à língua de origem, a única capaz de lhes transmitir significados. Além disso, um processo de interdição de uma língua e de assimilação compulsiva de outra deixa sequelas profundas, já que a língua é um forte elemento identitário de um povo. Nas palavras de Coracini (2007 *apud* ECKERT-HOFF, 2010, p. 82), o resultado disso é a criação de uma “entre-língua”, ou seja, de uma terceira língua, que não é uma nem outra, mas a fusão das duas, o que dá origem a uma forma babélica de expressão.

Nesse contexto vivenciado pelos imigrantes alemães que habitaram o Sul do Brasil, é latente o sentimento de exílio e de não pertencimento:

Os descendentes se encontravam fora-da-língua, fora da Nação que habitavam, num não-lugar, num território que não era o mesmo habitado pela língua, logo estavam desterritorializados, estranhos na própria casa, o idioma falado pela e na nação não lhes pertencia. (ECKERT-HOFF, 2010, p. 92).

A partir da realidade apresentada, percebe-se que o processo de hibridização entre a cultura dos imigrantes alemães da região de Walachai e a cultura brasileira não foi livre de tensão. Ao contrário, pelos diversos motivos expostos, essa interação acabou se dando de maneira arbitrária, através do exercício do poder, o que também respalda a teoria de Hall, deixando profundas consequências, conforme se pode visualizar no filme.

2. O filme “Walachai”: unidades de análise

O filme utilizado como instrumento de pesquisa no âmbito deste trabalho traz uma visão atual dos descendentes de imigrantes alemães do povoado de Walachai. Como já mencionado, as primeiras gerações que aqui chegaram, ainda nascidas na Alemanha, viveram saudosamente a distância da sua Pátria de origem. Entretanto, qual é, hoje, o sentimento dos descendentes, que nasceram no Brasil, mas que mantêm vinculação com elementos da cultura alemã? Como se sentem em relação à sua identidade nacional e à língua local? Reitera-se que a discussão de tais questões não pode ser esgotada no âmbito deste trabalho, mas que elas podem suscitar importantes reflexões sobre o objeto de pesquisa. Assim, nos tópicos a seguir, são detalhados aspectos abordados no filme e identificados como centrais para a temática desenvolvida. São eles: identidade, heterogeneidade linguística e bilinguismo e autocompreensão da língua e a língua interdita.



2.1 “É um costume ser alemão aqui”: identidade dos descendentes de imigrantes alemães

Sob o aspecto identitário, várias são as marcas presentes no filme. É interessante notar que existe uma clara divisão entre os depoimentos das pessoas mais velhas e das mais novas⁶. Veja-se, primeiramente, algumas falas de pessoas mais velhas:

“Sou brasileiro, mas me sinto um alemão assim, eu tô aqui falando. Assim eu sou brasileiro, mas não sei. É um costume ser alemão aqui”.

“Música de Bandinha. Não nego minhas origens. Gosto de bandinha, em alemão”.

“Sou Fassbinder... da Alemanha. Deve ter um lá. Porque eu já vi uma vez passou filme na TV eu li os nomes e eu vi um Fassbinder, acho que é diretor de cinema, tenho quase certeza que é parente meu, que a gente veio de lá mesmo”.

Nos excertos acima, percebe-se explicitamente, um orgulho dos indivíduos pelo fato de terem descendência alemã, um sentimento de que, seja por costume ou por ideologia, carregam alguma herança daquela nação. No primeiro depoimento, o entrevistado deixa claro que, apesar de ser brasileiro, sente-se alemão, porque os hábitos, a cultura e a língua o identificam como tal e porque, da mesma forma, não há um processo de identificação cultural com o Brasil. Já os habitantes mais jovens, apesar de terem os mesmos hábitos e de também se comunicarem através da língua alemã, assim se expressam quando perguntados sobre o que sabem da Alemanha:

– Não sei nada da Alemanha, nem tenho ideia, né.
– Tem ideia de onde fica?
– Nem sei”.

– Claro, de vez em quando a gente vê na TV, mas assim, assim, não conheço nada.
– Sabe quem da tua família veio da Alemanha?
– Ah, não sei, não sei. Sou brasileiro”.

⁶ As idades dos entrevistados não são apresentadas no filme. Assim, o julgamento de quem é mais jovem e mais velho se dá exclusivamente pela aparência das pessoas.

Os jovens ainda foram questionados em relação à seleção de futebol pela qual torcem:

“Lógico, né. Em primeiro lugar brasileiro. Depois vamos olhá, né, quem é o outro time. Se o Brasil não tá mais jogando, daí dá pra torcer pra outro time, mas...”

“Eu torço somente pro Brasil, não tem essa coisa de torcer pra Alemanha. Não desce”.

É visível que muitos dos que pertencem às gerações mais novas não conhecem e tampouco se mostram interessados em saber algo sobre a Alemanha. Apesar de terem traços da cultura daquele país e de se comunicarem essencialmente pela língua alemã, para esses indivíduos o passado ficou para trás, e sentem-se, hoje, inscritos na cultura brasileira, foram “traduzidos”, no conceito de Hall. Através dessa percepção, é possível verificar que as gerações mais novas, que não enfrentaram as situações de interdição de seus antepassados, conseguem estabelecer uma vinculação mais próxima com a nação brasileira, ainda que, como se vê posteriormente, se autocompreendam diferentes em relação a sua forma de viver e, principalmente, de falar.

No tópico a seguir, analisam-se, na perspectiva do documentário estudado, aspectos relacionados ao idioma falado pelos descendentes de imigrantes da localidade de Walachai.

2.2 “O que a gente fala não é alemão nem brasileiro”: comunidades de fala de língua alemã da Região Sul

É importante resgatar que o idioma falado pelos descendentes de imigrantes cujos depoimentos figuram no filme estudado tem origem no dialeto Hunsrück, que foi a língua trazida pelos sujeitos vindos da Alemanha. Abaixo, veem-se os depoimentos acerca da língua que as famílias utilizam para se comunicar no cotidiano:



“Eu falo em alemão com eles. Por aí todo mundo fala em alemão com o gado”.

“Em casa a gente sempre fala o alemão. Quando chega alguém que só sabe brasileiro, aí nós falamos em brasileiro. Eu gosto de falar o alemão, mas também me viro com o português”.

“A gente fala assim em alemão, todos sabem falar assim, né, então a comunicação é mais fácil assim”.

A partir da realidade familiar descrita acima, é fácil concluir que o dialeto citado é o primeiro idioma que as crianças aprendem a falar em casa. Quando chegam à escola, é ensinado a elas o português. Dessa forma, é correto dizer que os sujeitos que participam do filme são bilíngues. Bilinguismo, conforme Dabène (1994, *apud* SERRANI-INFANTE, 1998, p. 241) “é a competência de uma pessoa em dois sistemas linguísticos”. Ainda de acordo Dabène (1994 *apud* SERRANI-INFANTE, 1998, p. 242), bilíngue é o sujeito que possui “uma competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas – compreender, falar, ler e escrever – em uma língua diferente da sua”. Assim, ao aprenderem formalmente o português, as crianças da comunidade Walachai adquirem uma segunda língua, uma vez que já são proficientes na língua alemã. Ainda que não saibam ler e escrever o idioma alemão, comunicam-se através dele, pois possuem as competências de compreensão e de fala.

Vê-se, abaixo, o depoimento de uma professora de educação infantil que comprova a situação de bilinguismo:

“As crianças quando entram na escola só falam o alemão. O Português elas aprendem aqui. A gente fala em sala de aula, com atividades envolvendo a escola. Porque também em casa só se fala essa língua, o dialeto [...]”.

Todavia, é relevante destacar que o que hoje se fala na comunidade é uma variante do dialeto Hunsrück, pois, depois de quase dois séculos do início da imigração, pode-se inferir que a língua trazida para cá no século XIX sofreu mudanças em decorrência do uso, o que aconteceu tanto no Brasil

quanto na Alemanha, distanciando muito o dialeto falado lá do utilizado aqui. Isso explica o exposto no excerto abaixo:

“[...] chegaram uns alemão aqui na nossa casa. Mas eles falavam um alemão diferente. Nem uma palavra eu entendi eles. Nem uma. Falavam bem mais ainda diferente”.

Em consequência dos fatores apresentados, talvez um dos conceitos que mais se adapte à realidade dos descendentes de imigrantes alemães da região Sul do Brasil em relação à língua que falam seja o de que se expressam através de uma entre-língua, conforme trazido por Coracini (2007 *apud* ECKERT-HOFF, 2010) e apresentado anteriormente. Uma entre-língua diz respeito a uma terceira língua que se localiza entre outras duas, no caso, o alemão e o português. Tal percepção fica clara nos depoimentos abaixo:

“Isso é difícil pra falar em Português. Eu tenho vergonha”. [em alemão]: “Eu sou brasileira, sim, mas eu só não consigo falar direito a língua. Entendo a maioria das coisas, mas pra falar é difícil”.

“Aí é uma coisa meio misturada, fala 2 palavra em português, 3 em alemão, e assim vai. Isso é uma mixtureba aqui”.

Na prática, conforme visualizado no filme, o viver entre-línguas é evidenciado de diferentes maneiras. O excerto a seguir mostra a fala de uma criança que mistura os idiomas para falar. Vê-se que a primeira parte da sentença é comunicada em português e a segunda em alemão, numa clara alusão ao fato de “faltarem palavras” para completar a frase na língua portuguesa:

“Natan é mäkelig⁷.”

Na mesma direção, os depoimentos seguintes marcam a existência de palavras que, na visão dos entrevistados no filme, não podem ser expressas em português. Tais situações também exemplificam a dependência da língua alemã, a única capaz de construir determinados sentidos:

⁷ A palavra significa “mimado, enjoadado para comer”.



“Eu não sei como se diga certo em Português. Em alemão é [...]”.

“Esse equipamento aqui se chama ‘butterfass’ em alemão. Em Português daí não tem um nome específico”.

“Não sei como se fala em brasileiro para explicar o nome da máquina”.

Ainda em relação ao idioma, é importante destacar os depoimentos que marcam um forte sentimento de não pertencimento à língua portuguesa e também de estranhamento da própria língua alemã, o que coloca o povo estudado especialmente numa condição de não saber, de não entender, de falar errado, o que talvez seja uma autocompreensão preconceituosa em relação ao que eles próprios falam:

“Hoje é meu ‘aniversário’ [não consigo falar a palavra em português]. A gente tem que tomar um trago primeiro [rsrsrsr]. Se a gente toma um trago fica mais fácil. Aí a língua se solta... a gente fala tudo misturado... Quando os alemães estiveram aqui a gente só dizia ‘não sei’, ‘não sei’. Alemão é alemão... eles não entendem nada do que falamos, o que a gente fala não é alemão nem brasileiro. O que é isso então? Não sei, isso não é nada. É falar errado. Faltou escola... Faltou escola!”

“Da Alemanha? Oia, eu não sei muito. Não sei muito da Alemanha. Porque a gente nunca tava lá. Ééé... chegaram uns alemão aqui na nossa casa. Mas eles falavam um alemão diferente. Nem uma palavra eu entendi eles. Nem uma. Falavam bem mais ainda diferente”.

Assim, percebe-se que alguns sujeitos apresentados no documentário distanciam-se tanto da língua alemã quanto da língua portuguesa, o que provoca uma crise de identidade e de não pertencimento a nenhuma dessas culturas. Em relação à língua portuguesa, os indivíduos interpretam que falam errado, sentindo-se, muitas vezes, intimidados a se expor, situação que é agravada pelo forte sotaque que apresentam ao falar. De fato, alguns depoimentos do filme revelam indivíduos que se autocompreendem como falantes não competentes em língua portuguesa. Tal situação, que poderia ser interpretada como normal dada a situação intercultural em que vive a

população em questão, é, entretanto, uma forte marca identitária para um sujeito que vive em um país cuja língua oficial não domina. Nesse contexto, como visto em excertos acima, é bem possível encontrar pessoas que se autocompreendam como diferentes, que tenham vergonha da sua fala, desvalorizando, elas mesmas, a sua identidade própria, ou seja, aquilo que deveria ser privilegiado justamente por torná-las únicas. Nesse caso, há um desprestígio do viver entre-línguas, situação que, no entanto, deveria ser positiva, já que determina a capacidade de bilinguismo do indivíduo, que “entrecruza” as fronteiras de duas diferentes línguas, ainda que por meio de suas formas não padrão.

Uma última marca de sentimento em relação à língua é a encontrada no depoimento de um artista local, cuja fala é interessante por expressar tanto a sensação de isolamento dos habitantes de Walachai no tocante ao idioma quanto o afeto que a língua é capaz de suscitar no ser humano:

[...] Sou daqui, penso que nem eles, claro com influências já culturais, porque tenho formação acadêmica. Sou filho de uma família de colonos, pobre, aprendo a falar Português com 10 anos na escola, e até ali só falava o dialeto. O sentimento que se tinha era muito estranho porque todo mundo, os alemães que vinham pra cá e os alemães que falavam o gramatical aqui na região diziam que ninguém nos entendia na Alemanha, e no Brasil também ninguém nos entendia. Então o sentimento era de que nós éramos um grupinho, um bolinho de gente que não se comunicava com o resto das pessoas do mundo, não só do Brasil, do mundo todo. Então esse sentimento de ser isolado, fez com que eu quisesse, menino, me comunicar com as pessoas, com o planeta, e aí eu optei pela pintura. Mas até hoje, as coisas da alma, as coisas quando eu quero me expressar, os sentimentos da alma, eu tenho que usar o dialeto, porque no português eu não sei, sempre sai frio. Aqui tá as coisas da minha alma e quando eu quero satisfazer a minha alma, eu tenho que voltar para cá, para achar a paz”.

O excerto revela, paralelamente, o isolamento e o sentimento de incomunicabilidade com o resto do mundo e a sensação de que o dialeto alemão é o único capaz de comunicar verdadeiramente, a ponto de os “sentimentos da alma” não poderem ser expressos de outra maneira. Assim, conclui-se que a língua, ao mesmo tempo, isola e inclui, afasta e aproxima,



mas, sobretudo, é uma marca identitária de um povo, que por meio do seu idioma consegue expressar, também, “os sentimentos da alma”, conforme elucidado no depoimento acima.

Uma última unidade de análise diz respeito à identificação com a língua e ao sentimento de pertencimento em relação à cultura, levando em consideração os episódios de interdição vivenciados pelos imigrantes alemães e seus descendentes.

2.3 “Não se aprende uma língua por decreto”: identidade linguística no contexto de língua interdita

Relativamente ao século XX, a ideia de homogeneidade linguística no território brasileiro é, dentre outros fatores, consequência da política do Estado Novo (1937-1945) do governo de Getúlio Vargas, que interditou os idiomas estrangeiros no Brasil com a finalidade de criar uma identidade nacional pela língua. (ECKERT-HOFF, 2010). A interdição da língua alemã representou uma dura sentença para os imigrantes e descendentes que se comunicavam exclusivamente por meio desse idioma, o que pode ser compreendido nos excertos a seguir. Observa-se que os dois primeiros depoimentos são de professores da comunidade de Walachai, e os demais de antigos alunos que vivenciaram a situação de interdição da língua alemã:

“Eu vivi quase todo o tempo aqui em Walachai, muito e muito anos. O governo aí não se importava com os colonos. A gente foi vivendo então assim. Até que veio o fim, Getúlio, e agora com Getúlio não pode mais falar em alemão [...]. A criança chegava na escola e o que a gente ia fazer? Transgredir a lei para se comunicar com o aluno, coitado o aluno não tinha culpa e se exigiu uma coisa que na realidade não foi dado ao colono. E era severo o negócio do alemão, tinha que parar com o negócio do alemão e aí dava castigo. [...] um castigo não muita coisa, mas mostrar mais para o governo, sabe, que a gente estava ensinando o Português”.

“Eu acredito assim que foi uma medida correta em realmente todo mundo aprender a falar a língua, do seu país, para ser mais cidadão. Mas a maneira como foi feito. Porque não se aprende uma língua através de decreto”.



“Também era uma época que era proibido falar alemão e a gente ficava quieto, [...] não abria a boca”.

“A gente aprendeu a ler, mas não sabia o que que a gente ia ler. A gente aprendeu a escrever, escrever uma palavra, mas não sabia o que que a gente escrevia. Porque a gente não tinha ideia e o professor não podia explicar em alemão. Aí ele ia ir preso. Era difícil [...]. Como falar, como aprender?”

Nos excertos, percebem-se diferentes perspectivas acerca do tema. Por parte dos professores, há certo entendimento da medida governamental, na perspectiva de que a identidade nacional pela língua seria benéfica e necessária ao país e aos próprios imigrantes, uma vez que a aprendizagem do português os tornaria mais cidadãos e mais próximos da cultura brasileira. Entretanto, os docentes julgam a maneira arbitrária com que a medida foi posta em prática. Do ponto de vista da população, a obrigatoriedade foi mais dura. Como não sabiam se comunicar em outro idioma, sofreram com a proibição do uso da única língua que lhes transmitia sentidos e pela qual podiam se expressar. Assim, a aprendizagem do português se deu de maneira artificial, arbitrária e não efetiva, uma vez que a interdição do alemão não mudou o sentimento daquelas pessoas em relação à referida língua e tampouco apagou a identidade do povo construída através desse idioma.

Como consequência, entende-se que a língua imposta encontrou dificuldades de se instaurar no seio da comunidade estudada, sendo que até hoje há pessoas que não conseguem fazer uso dela. Dessa forma, restou um sentimento de silenciamento linguístico e de castração de uma cultura, nas palavras de Eckert-Hoff (2010), fazendo com que a população, em vez de aproximar-se da língua e cultura brasileiras, se distanciasse ainda mais delas. Apesar disso, é evidente o processo de hibridização cultural das comunidades alemãs do sul do Brasil, sobretudo das novas gerações, que mostram a sua realidade como um produto irrevogável do diálogo de várias culturas interconectadas.



Considerações Finais

A colônia alemã de Walachai, estudada no âmbito deste trabalho sob a ótica do filme “Walachai”, é uma comunidade agrupada em torno de elementos culturais comuns, dentre os quais se destaca a linguagem. Todavia, a comunidade está longe de possuir uma cultura homogênea, caracterizando-se, pelo contrário, por processos de hibridização. No conjunto das análises realizadas no corpo desta pesquisa, é inquestionável a existência do hibridismo cultural e da heterogeneidade linguística, fenômenos que marcam irrevogavelmente a população, que se constitui por ser produto de várias histórias, línguas e culturas interconectadas, de modo que a identidade dos sujeitos torna-se, por vezes, ambígua. Tal situação é resultado da dicotomia entre tradição e tradução, já que os descendentes de imigrantes alemães que falam no documentário oscilam entre o desejo de conservar as origens perdidas e a vontade de negociar com a nova cultura, admitindo que não são um povo unificado, mas multicultural.

Nesse sentido, percebe-se, em suas falas, que os descendentes das primeiras gerações de imigrantes entrevistados no filme idealizam a nação de suas origens, voltando-se a uma tradição, a uma ideia de nação genuína, a uma pátria que ficou para trás, mas que carregam consigo, na sua forma de viver, nos seus hábitos, na sua língua. Já os sujeitos mais jovens mostram-se traduzidos, ou seja, consideram-se brasileiros, muito embora cultivem os mesmos hábitos de seus pais ou avôs/bisavôs. As novas gerações encaram com mais naturalidade o fato de serem um produto híbrido e de se comunicarem num contexto de entre-língua, ou seja, através de uma terceira língua que se localiza entre outras duas, no caso, o alemão e o português. Todavia, para jovens e idosos, permanece o estigma de que falam errado, de que não sabem, de que o que falam é uma “mistureba”. Dessa forma, o falar numa perspectiva entre-línguas não é uma realidade valorizada, mas desprestigiada.

Percebe-se que essa depreciação tem uma dupla origem: de um lado, o olhar das pessoas que não pertencem ao povoado, que interpretam que a



comunidade não fala nem português e nem alemão e, de outro, a autocompreensão de que não sabem se expressar e de que, por isso, devem envergonhar-se ao falar com pessoas não pertencentes ao meio, visão esta forjada historicamente dentro da própria comunidade como consequência das reiteradas impressões de que a língua que falam é errada. Assim, pode-se concluir que a própria população acaba por desvalorizar aquilo que melhor a identifica, a saber, a sua linguagem única e a sua cultura peculiar. Nessa perspectiva, o viver entre-línguas deveria ser visto como algo que caracteriza positivamente a comunidade em questão, pois determina a capacidade dos indivíduos de “entrecruzarem” as fronteiras de duas diferentes línguas, ainda que por meio de uma forma não padrão.

Por fim, sendo o idioma alemão até hoje a língua materna do seio familiar, uma vez que as crianças aprendem o português apenas na escola, já como segunda língua, pode-se inferir a importância que o dialeto germânico tem na formação identitária do povo em questão. Percebe-se, ao longo do filme, o sentimento das pessoas em relação ao único idioma capaz de transmitir alguns sentidos e de suscitar e explicar certos afetos. Tais elementos não podem ser apagados, ao contrário, são marcas profundas de identidade que constituem aqueles sujeitos.

Em tese, verifica-se que a comunidade apresentada no documentário parece viver harmonicamente dentro do contexto brasileiro, manifestando muitos traços das duas culturas que a constituíram, a saber, a brasileira e a alemã. Entrar em contato com uma comunidade como essa, ainda que por meio de uma produção cinematográfica, é uma experiência diferenciada, pois permite uma série de reflexões sobre a cultura brasileira e a eliminação da ideia de que existe, no Brasil, uma cultura homogênea, uma língua unificada, um povo uno.

Referências

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.



ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. (Dis) Sabores da Língua Materna: os conflitos de um entre-lugar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria J. R. F. **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela**. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 79-106.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUNSRÜCK. 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hunsr%C3%BCck>. Acesso em: 19 de junho de 2014.

IBGE. 2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=431247&search=rio-grande-do-sul%7Cmorro-reuter%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em: 18 de junho de 2014.

IMIGRAÇÃO Alemã no Brasil. 2014. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil. Acesso em: 01 de julho de 2014.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

PORTAL BRASIL-ALEMANHA. 2014. Disponível em: http://www.brasilalemanha.com.br/portal/notice_print.php?id=4082>. Acesso em: 19 de junho de 2014.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 109-128.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidade e Segundas Línguas: As Identificações no Discurso. In: SIGNORINI, I. (Ed.). **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 231-264.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala'. **Acta Scientiarum**. Language and Culture. Universidade Estadual de Maringá, v. 31, n. 2, p.147-153, 2009.

WALACHAI. 2009. **Documentário**. 84 min, dirigido por Rejane Zilles.

Recebido em 16/12/2014.
Aceito em 12/06/2015.



Ângela Kroetz dos Santos

É graduada em Letras pela UNISINOS (2003), especialista em assessoria linguística e comunicação pelo Centro Universitário Ritter dos Reis - CURR (2013) e mestranda em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (2014-2016). É bolsista FAPERGS.

E-mail: angela.kroetz@gmail.com

Valéria Brisolará

É mestre em letras pela UFRGS (1999) e doutora em letras pela UFRGS (2005), professora no Centro Universitário Ritter dos Reis - CURR, atuando no curso de Letras e no Mestrado e Doutorado em Letras. É coordenadora do curso de especialização em Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa

E-mail: valeriabrisolará@yahoo.com

Vera Lúcia Pires

É mestre em educação pela UFSM (1992) e doutora em linguística pela PUCRS (1999). É professora colaboradora voluntária no PPG Letras da UFSM e realiza estágio de pós-doutorado na UCPEL.

E-mail: pires.veralu@gmail.com